

## "BRAZ DO BRAZIL, BRAZ DE TODO O MUNDO" (Pagu)(\*)

André Roberto Martin(\*\*)  
e Heitor Frugóli Jr.(\*\*\*)

### INTRODUÇÃO

Quando em meados do século XIX o biólogo francês Émile Zalluar chegou a São Paulo, vindo do Rio de Janeiro, ele avistou, a partir da colina da Penha, uma vasta área plana e pouco ocupada conhecida como Freguesia<sup>1</sup> do Brás. A impressão provocada no nosso viajante parece ter sido positiva. Ele escreveria: "... é um dos arrebaldes mais belos e concorridos da cidade, já notável pelas elegantes casas de campo e deliciosas chácaras onde residem muitas famílias abastadas, ao lado todavia de alguns casebres e ranchos menos aristocráticos, mas que nem porisso deixam de formar um curioso contraste"<sup>2</sup>.

A Freguesia já contava então com cerca de um século de História, ao longo da qual lentamente foram se estabelecendo alguns pomares, sítios, hortas e quintas que abasteciam o comércio da rua das Casinhas<sup>3</sup> no Centro, ou então apresentava chácaras residenciais ou casas de campo ocupadas por famílias mais ricas. Um recenseamento realizado em 1836 encontrou 669 habitantes (cerca de 8% do total da Capital) entre os quais muitos índios e negros espalhados por cerca de 20 km<sup>2</sup> de área, o que denota bem o caráter rural da mesma. Mas grandes transformações estavam se preparando. O café começava a se tornar uma mercadoria muito apreciada na Europa e sobretudo nos Estados Unidos, e as terras férteis e virgens do Oeste paulista acenavam com a possibilidade de um grande desenvolvimento para essa lavoura. Dois obstáculos no entanto precisavam ser removidos: o primeiro a falta de braços que a escravidão era incapaz de suprir<sup>4</sup>; o segundo a distância entre o Oeste e o litoral exportador, o que poderia convenientemente ser superado pelas ferrovias.

No Brás convergirão essas duas linhas de força, o que revolucionará a área e repercutirá em toda a sociedade brasileira. De um lado o problema será combatido através do Governo provincial, o qual financiará o deslocamento e o alojamento temporário dos imigrantes europeus na "Hospedaria dos Imigrantes"<sup>5</sup>. De outro, o capital inglês e cafeeiro se responsabilizarão pela construção de uma linha ferroviária que, no Brás, se conectará com a Central do

---

(\*) "Pagu" é corruptela de Patrícia Galvão, uma ativa militante comunista do início dos anos 1930. Publicou em 1933 com o pseudônimo de Mara Lobo o "romance proletário" Parque Industrial. Professora no Brás notabilizou-se pelo procedimento ativo e independente pouco comum para as mulheres da época.

"Braz" e "Brazil" estão escritos com z porque o original é anterior à reforma ortográfica de 1943

(\*\*) Geógrafo humano, Mestre em Geografia Urbana pelo Depto. de Geografia da FFLCH/USP e professor-assistente do referido Departamento.

(\*\*\*) Antropólogo urbano, pós-graduado pelo Depto. de Antropologia da FFLCH/USP e professor da Fundação Getúlio Vargas

(1) Freguesia é uma das categorias administrativas de origem portuguesa transferidas para o Brasil. Trata-se de uma povoação definida eclesiasticamente em função da "paróquia" ou do conjunto de "paroquianos". Embora a Capela de Bom Jesus do Matozinhos que deu origem ao bairro do Brás seja de 1730, a Paróquia só se desliga da Sé em 1818. Veja-se a respeito Martin, A. R.: "O bairro do Brás e a "deterioração urbana" Dissertação de Mestrado Depto. de Geografia FFLCH/USP, 84.

(2) Cf. Zalluar, A. E.: "Peregrinação pela Província de S. Paulo 1860-61" Ed. Cultura, sd. 2ª ed. pg. 123.

(3) Atual rua da Quitanda no Centro Financeiro da Cidade.

(4) E isto por dois motivos. Primeiro a Inglaterra forçara o fim do tráfico em 1850, segundo, aumentar internamente a população de escravos exigiria uma diminuição de sua exploração o que acabava se tornando anti-econômico.

(5) Financiada pelo governo Provincial a Hospedaria foi aberta em 1888 abrigando cerca de 2 mil imigrantes por até 8 dias. O prédio ainda pode ser visto na rua que homenageia seu construtor o Visconde de Parnaíba.

Brasil, de capital federal, e que vinha do Rio de Janeiro. Desse modo, em prazo muito curto o bairro do Brás tornou-se ponto de convergência de interesses até internacionais.

Os lucros auferidos com as exportações de café propiciaram à burguesia paulista instalar na capital um parque industrial. Por localizar-se em terrenos baixos e alagadiços e, portanto pouco valorizados, a área do Brás, agora contando com um importante entroncamento ferroviário, passava a ser a mais indicada para receber as indústrias. Do mesmo modo, a "Hospedaria" garantia o fluxo de força de trabalho, a qual, também atraída pelos preços baixos dos terrenos passou a habitar, cortiços, vilas e quintalões instalados em meio às fábricas, e ao lado das ferrovias<sup>6</sup>.

Esse binômio "fábrica-moradia" desencadearia toda uma vida comunitária entre os trabalhadores, o que era reforçado pelo fato de serem "imigrantes estrangeiros" não aceitos pela elite paulista do café, de origem luzitana e orgulhosamente "quatrocentona"<sup>7</sup>. Estes, se instalaram nos bairros altos e elegantes dos Campos Elíseos e Higienópolis, ou então nos bairros de classe média emergente como Perdizes, Pompéia ou Consolação. Os outros ficaram nas áreas insalubres e sujeitas a inundações dos bairros do Brás, Moóca, Ipiranga, Barra Funda, Cambuci, Bom Retiro, chegando até ao Bixiga<sup>8</sup>.

As precárias condições de trabalho, com baixíssimos salários, extensas jornadas, exploração da mão-de-obra infantil e feminina em grande escala, ausência de legislação trabalhista e previdenciária, proibição de associações sindicais, aliadas ao confinamento geográfico e cultural dessa população operária e imigrante, e notadamente italiana, permitiria a emergência de toda uma vida social, política e cultural relativamente autônoma em relação ao resto da Cidade. Por sua posição, o Brás se tornaria o Centro das iniciativas que deram corpo e expressão a essa nova realidade. Ali se concentraram as sedes dos primeiros sindicatos, dos jornais operários, de entidades de caráter político, religioso ou cultural. As cantinas, os teatros, os salões de baile, as confeitarias, e logo os passeios no Parque D. Pedro II e os cinemas, configuraram todo um "modo de vida" próprio, cujos indicadores mais salientes eram a

condição operária, o sotaque "italiano" e a ideologia anarco-sindicalista<sup>9</sup>.

Do movimento operário nascente, destaca-se a "Greve Geral" de 1917, que paralisou a Cidade. Entre os dias 12 e 15 de julho, os operários pararam as fábricas, os moinhos, os bondes e as ferrovias. As ruas foram tomadas por cerca de 45 mil trabalhadores que deixaram suas casas para realizar comícios, passeatas, saques, em protesto contra a marginalização que sofriam<sup>10</sup>. A greve se encerraria quando foram atendidas algumas reivindicações, entre elas o aumento de salário, e também em função da violenta repressão ao movimento. Muitos líderes anarquistas acabariam sendo deportados, outros presos. A década de 1920 assinalará para a vida política brasileira o início das políticas sociais do Estado, o refluxo do movimento anarquista, o surgimento do Partido Comunista e também uma busca intensa da identidade e especificidade nacionais, o que pode ser comprovado pela Semana de Arte de 1922 e pelo "movimento tenentista".

Aqui, de novo o Brás exercerá uma função de "Centro". Quando os soldados do general Isidoro Dias Lopes se rebelaram contra o governo central em 1924, o Brás foi palco de lutas violentas. O Teatro Colombo, no Largo da Concórdia foi transformado em quartel e hospital de campanha. Ele guardava um ponto estratégico

(6) Esse padrão urbano baixo e compacto, de moradias coletivas ou geminadas é expressão das precárias condições financeiras e construtivas que edificaram o bairro na época. O "quintal" era o nome dado a "cortiços" de entrada mais larga. As "vilas" apresentavam casas com banheiros e tanques de lavar individualizados, ao contrário dos "cortiços". Veja-se a respeito Gimenez, Onofre: "O bairro do Brás" edição do autor 1968.

(7) A aristocracia paulistana sempre exaltou sua origem "bandeirante", o que lhe garante uma árvore genealógica de 4 séculos. Daí se julgarem os únicos "verdadeiros brasileiros".

(8) O "Bixiga", apelido do bairro da Bela Vista já se encontra em terrenos mais elevados e seus habitantes serão preferencialmente do Norte da Itália e não do Sul como no Brás. Socialmente porém a origem operária comum os unia como também aos negros muito numerosos no Bixiga.

(9) Não se pode esquecer que o anarquismo era uma filosofia social influente em todo o Sul da Europa na época. O "anarco-sindicalismo" por sua vez como um derivativo daquela doutrina prende-se à re-estruturação da Associação Internacional dos Trabalhadores ocorrida em Berlim em 1922 em oposição à 3ª. Internacional comandada por Moscou. No Brás ainda hoje funciona o "Centro de Cultura Social" à rua Rubino de Oliveira 85, Caixa Postal 10512 CEP 03097 SP.

(10) Veja-se a respeito Alencar, F. Capri, L. e Ribeiro, M. V.: "História da sociedade brasileira" 2ª. ed. Ao Livro Técnico S/A RJ, 1981.

entre a "Estação do Norte" por onde chegaria a repressão legalista vinda do Rio de Janeiro e as ferrovias que demandavam o interior. Por estas últimas cerca de 200 mil pessoas abandonariam a cidade sitiada e bombardeada. Por elas também os soldados revoltosos partiriam. No episódio morreram cerca de 500 pessoas entre os quais numerosos civis<sup>11</sup>.

Poucos anos antes, um outro episódio havia traumatizado o bairro. Ocorre que entre 1918 e 1919, São Paulo foi assolada pela terrível "gripe espanhola", que vitimou milhares de pessoas, principalmente as dos bairros mais precários. No cemitério do Araçá, e no Brás, chegavam a ser enterradas mais de 150 pessoas por dia<sup>12</sup>.

É compreensível que a memória, tanto individual quanto coletiva opere de modo seletivo, isto é, procurando lembrar aspectos agradáveis e esforçando-se para esquecer os desagradáveis. Mas quem procura uma posição mais isenta e próxima do real não pode concordar com a visão romântica e idílica que se costuma dar ao "Brás" daqueles tempos. Só muito recentemente os cientistas sociais tem se preocupado com essa questão. A criminalidade desse período, as brigas, homicídios, prostituição, são muito pouco conhecidas. Exalta-se a solidariedade, mas convivia-se com muitas fragmentações étnicas e ideológicas, com muitos preconceitos. Os negros por exemplo eram hostilizados. A Guerra Civil espanhola avivou a rivalidade entre espanhóis e italianos e, enfim há muitos aspectos que podem obscurecer a idéia de "comunidade"<sup>13</sup>. Três elementos porém tem sido frequentemente valorizados como aglutinadores e merecem alguma atenção: as quermesses, o carnaval e o futebol.

Hoje, as quermesses constituem a "piéce de resistance" da cultura tradicional e da "ideologia do bairro". Elas, inicialmente de caráter religioso, paroquial, aos poucos dividiram a sua organização com os clubes de futebol amador. A seguir, perderam seu caráter popular e local para se tornarem metropolitanas e voltadas para a classe média. O sentido do encontro por sua vez foi substituído pelo do êxito mercadológico. A exaltação da "italianidade" sobrepujou a contribuição de outras culturas que ajudaram a forjar a personalidade operária do bairro de então. A memória resume-se ao consumo do que restou de arquitetura da época, o que conflita com a lógica de ampliação dos espaços utilizados. As reminiscências

permitidas limitam-se ao pitoresco de "comer em pé". O resultado é uma imagem estereotipada do passado, mas persuasiva.

Por outro lado os velhos carnavais do Brás constituíam momentos em que se reafirmava a dualidade com o resto da cidade. Enquanto a elite fazia seu curso com luxo mas sem empolgação na Av. Paulista, no Brás a av. Rangel Pestana transbordava em sensualidade e animação. Porisso, mesmo para a elite era "chic" fazer o carnaval no Brás<sup>14</sup>. Hoje quando está desaparecido o carnaval de rua de São Paulo, a "Escola de Samba Colorados do Brás" constitui outro elo importante de ligação com o passado, embora organizada por uma outra população.

Finalmente, há um detalhe importante nem sempre lembrado. É que com efeito, o futebol brasileiro nasceu no Brás. Charles Muller o introdutor do futebol no Brasil aliás nasceu no bairro e quando voltou de estudos na Inglaterra organizou o primeiro jogo com rapazes ingleses que trabalhavam na São Paulo Gaz Co., no Banco de Londres e na São Paulo Railway. O local escolhido foi a Várzea do Carmo próxima ao Gazômetro, para as primeiras pelepas. O êxito foi completo ainda que entre 1895 e a década de 1920 tenha se mantido como um esporte de elite. Depois disso porém ele se difundiria e foram inúmeros os clubes formados no Brás, dos quais muito poucos ainda resistem<sup>15</sup>.

## A CHEGADA DOS NORDESTINOS

Em 1920 a população do Brás era de 66 mil habitantes<sup>16</sup>, e levantamentos posteriores passaram a indicar um declínio em sua função habitacional, com o esvaziamento de boa parte das gerações descendentes dos

(11) Veja-se Torres, M. C. T. M.: "O Bairro do Brás" PMSP/Sec. da Cult. 1969 (História dos bairros de S. Paulo) pg. 206.

(12) *Ibidem* pg. 185.

(13) Merece menção portanto o recente estudo de Boris Fausto: "Crime e Cotidiano - a criminalidade em S. Paulo (1880-1924)" Ed. Brasiliense 1984.

(14) Veja-se a respeito Mara Lobo (Patrícia Galvão) "Parque Industrial" Ed. Alternativa 1933.

(15) Onofre Gimenez levantou mais de 60 clubes em seu "O Bairro do Brás" (inédito) dos quais permanecem em atividade pouco mais de uma dezena.

(16) Veja-se a respeito Torres, M. C. T. M.: *op. cit.* pag. 206.

imigrantes estrangeiros em direção a outros locais da cidade. Em decorrência disso criaram-se espaços vazios, "habitações vagas sem mercado do mesmo nível anterior"<sup>17</sup>, que passaram a ser ocupados por uma nova leva de migrantes nacionais – nordestinos (baianos, cearenses, pernambucanos, etc.), mineiros, paulistas do interior, paranaenses, etc. – ex-trabalhadores rurais que foram sendo expulsos do campo e que vieram engrossar o mercado de mão-de-obra em expansão, dentro de um modelo econômico-industrial baseado no incremento das desigualdades regionais e crescimento acelerado das metrópoles.

Grande parte desses imigrantes, principalmente os nordestinos, passou a se fixar no Brás, adotando como moradia dominante o cortiço, que até hoje ainda se configura como expressiva alternativa de moradia da população mais pobre residente nas regiões mais centrais<sup>18</sup>, e imprimindo uma nova feição ao bairro, que já sofria intensa deterioração.

Além da precariedade habitacional, grande parte dessa população não possuía – tal como no presente – qualificação para o trabalho industrial, sendo os mais atingidos pela instabilidade da oferta de empregos, constituindo assim a maioria da parcela de mão-de-obra excedente. Nessas condições, encontraram no "setor informal" da economia formas alternativas de sobrevivência: "empresas familiares", "vendas de pequenos serviços", "trabalhos por conta própria subordinado", "serviço doméstico", etc.<sup>19</sup>.

As marcas da ocupação nordestina no Brás passaram a se tornar presentes nos cortiços, pensões e hotéis baratos, nas casas de "fórrós" e bares com "repentistas"<sup>20</sup>, nas lojas de artigos e alimentos nordestinos, nos botequins e no pequeno comércio, além de uma intensa ocupação dos espaços públicos para a prática do comércio ambulante, pequenos serviços, crentes pregadores, vendedores de ervas medicinais, jornaleiros, fotógrafos "lambe-lambe", artistas de rua, repentistas, prostitutas, mendigos, malandros e marginais<sup>21</sup>.

A partir da década de 50 e sobretudo na década seguinte agrava-se a deterioração do Brás, com

"arrefecimento da atividade comercial supra-local, estagnação do ritmo de novas edificações, afastamento das moradias tradicionais do bairro: uma população transitória aliada à proliferação do pequeno comércio local passou a coexistir com o parque industrial da região"<sup>22</sup>. Desde então o Brás, intermediário entre a Zona Leste e o Centro da Cidade, passará a sofrer todas as consequências da vertiginosa expansão urbana da Metrópole, sendo gradativamente recortado por novas avenidas e viadutos, criados para facilitar o escoamento do transporte. Grandes obras como a Av. Radial Leste, os viadutos e a construção de um grande terminal de ônibus desfigurando a única área verde que servia o bairro, o Parque D. Pedro II, se encarregariam da transformação paisagística do bairro. Mais do que qualquer outra porém, a construção do Metrô se constituiria na principal obra a impedir a reestruturação completa do mesmo. Ignorado a maior parte do tempo pelas autoridades enquanto representou uma área densamente povoada, agora, com visíveis sinais de decadência econômica e esvaziamento populacional, o Brás seria objeto de crescente interesse por parte do Estado.

(17) Veja-se Projeto CURA Brás-Bresser COGEP (Coord. Geral do Planejamento) S. Paulo 1975 pg. 48.

(18) Boa parte desses migrantes passaram a fixar moradia nas regiões periféricas de São Paulo, dentro de um novo padrão de expansão urbana sob a égide da especulação imobiliária e ancorado na auto-construção da casa própria por parte dos trabalhadores (Ver Kowarick/Aní(1982) e Bonduki(1983)). Finda-se com isso o binômio fábrica-moradia que caracterizara a vida operária do início do século.

(19) Ver Souza (1977). Segundo Oliven (1985), "especificamente no que diz respeito ao Brasil, as relações informais que ocorrem ao nível de parentes e amigos se constituem num mecanismo adaptativo considerado de grande importância" (p. 39).

(20) Um importante espaço de sociabilidade dos nordestinos são os bailes de fórró (a palavra vem do inglês "for all"), locais de lazer e de possíveis encontros amorosos, com a apresentação de artistas populares e dança de músicas e ritmos regionais, como o baião, o xote e o xaxado. Entre os bares nordestinos do Brás, o mais famoso foi o "Bar do Conterrâneo", que durante anos abrigou os repentistas, que através de seus trotes, desafios e emboladas cantam improvisadamente a vida do migrante, da nostalgia da terra natal à adaptação na nova vida na cidade.

(21) O Largo da Condição, no Brás, palco no início do século da italianidade do bairro, passou a representar a partir dos anos 50 um importante espaço para os nordestinos, aglutinando uma série de ocupações sociais ligadas ao comércio informal, prestação de pequenos serviços e outras atividades, que recriam o espaço da rua como um local de relações de trabalho voltadas para a sobrevivência (Ver Frúgoli Jr. 1984).

(22) Ver Projeto CURA (1975, 6/7).

## A CHEGADA DO METRÔ

Os primeiros estudos visando dotar São Paulo de um moderno sistema de transporte metroviário compatível com a nova escala da aglomeração se iniciaram em 1968. Um consórcio multinacional reunindo três empresas – Hotchief/Montreal/Deconsult –, foi encarregado de propor uma rede básica a ser implantada nos 10 anos seguintes. Em 1973 o esquema inicial sofreu algumas alterações que não chegaram no entanto a comprometer a estrutura inicialmente proposta. Os projetos não foram divulgados. Em 1975 começam repentinamente as desapropriações no Brás e cerca de 70% dos atingidos acabaria concordando com os preços pagos pela Prefeitura. Em um mes, entre janeiro e fevereiro do ano seguinte foram demolidos nada menos do que 944 imóveis<sup>23</sup>, atingindo precisamente o setor mais populoso do bairro, onde se concentravam os cortiços. É difícil precisar o número de pessoas desalojadas, pois a maioria das residências eram de aluguel e os dados posteriores já dizem respeito a uma outra população dada a acentuação da moradia provisória. De qualquer modo em meados da década de 1930 quando o Brás atingiu sua maior população – 80 mil habitantes –, os engenheiros sanitaristas já alertavam para a alta densidade do bairro, na qual chegou-se a contar "o elevadíssimo número de mais de 800 habitantes por hectare em quatro dos seus quarteirões"<sup>24</sup>.

Entre as alterações introduzidas no projeto original do Metrô, destaca-se a mudança na ordem de construção das linhas. A Leste-Oeste tida inicialmente como prioritária cedeu à Norte-Sul, como medida de precaução, pois foi considerada mais "difícil" sua implantação sobretudo no trecho leste, o mais populoso e povoado da Cidade. O Brás receberia 3 estações – D. Pedro II, Brás e Bresser. As obras nesse trecho foram iniciadas em fevereiro de 1977 e os trabalhos exigiram o esforço de até 4.300 operários, vindos de todas as partes do país, principalmente do Nordeste<sup>25</sup>. Os financiamentos eram respaldados pelos 3 níveis de governo. As obras de reurbanização, a cargo da EMURB (Empresa Municipal de Urbanização) bem como os custos das desapropriações eram incumbência da Prefeitura. No entanto havia a interferência do governo federal através dos créditos concedidos pelo BNH (Banco Nac. da Habitação) para financiar a construção da linha e as obras de

reurbanização. A própria constituição e administração da Cia. do Metropolitano de S. Paulo –Metrô –, por fim ficaram a cargo do governo do Estado.

A desapropriação de uma área bem maior do que a exigida estritamente para a construção da linha, justificou-se em função da necessidade de uma ampla operação de reurbanização na área, para absorver o impacto da construção do Metrô. Em 1979 inaugurado o trecho Sé-Bresser, tentou-se aplicar o projeto CURA (Comunidades Urbanas de Recuperação Acelerada) a cargo da EMURB. Os técnicos orgulhosos anunciavam: "a tradição do Brás será em futuro próximo apenas uma lembrança ..." <sup>26</sup> Previam-se inúmeros equipamentos sociais e áreas de recreação, bem como edificações destinadas ao comércio e a escritórios, mas o investimento mais importante era destinado às habitações: 2.500 unidades distribuídas em cerca de 16 torres de até 20 andares<sup>27</sup>. Um total de 200 mil m<sup>2</sup> de área. Bastante alterado sobretudo em função da retirada dos equipamentos sociais, comércio e serviços, este Projeto acabaria sendo implantado apenas a partir de 1987. Entre as explicações para este atraso que aprofundou a deterioração do bairro, está a disputa entre as duas agências de reurbanização: o Metrô e a EMURB. Em segundo lugar e talvez de forma mais marcante há a lenta maturação de capital imobiliário, que demanda normalmente em operações em larga escala como esta, (que consumiu mais de US\$ 1,5 bilhão de dólares) um prazo de 10 a 12 anos<sup>28</sup>. Finalmente e não menos importante, há as determinações de natureza política.

Neste espaço de tempo operou-se uma abertura política no país que culminaria com as eleições diretas para governador em 1982. Houve grande impulso dos

(23) Estes dados foram extraídos de Batley, R.: "Urban renewal and expulsion in S. Paulo" in Gilbert, A. and Hardoy, J. E. and Ramirez, R. (org.) "Urbanization in contemporary Latin America" JW & Sons ed. NY, 1982.

(24) Cf. Barbosa, S. C. "O Loteamento em S. Paulo", Ed. da Sociedade "Amigos da Cidade" n° 4, S. Paulo, sept. 1941.

(25) Extraído de catálogo de divulgação da Cia. do Metropolitano de S. Paulo 1978.

(26) Declarações recolhidas pela reportagem da "Folha de S. Paulo" de Domingo 1° de Abril de 1979 pg. 28.

(27) Cf. declarações do presidente da EMURB, Ernest Mange ao jornal "O Estado de S. Paulo" em 22/09/78.

(28) Este argumento está melhor desenvolvido em Martin, A. R. op. cit. IIa parte – "A 'lógica' da 'deterioração urbana'".

movimentos populares e a rearticulação da sociedade civil nos mais variados setores. Entre eles encontram-se evidentemente os movimentos urbanos, entre os quais destacaremos o "Movimento Pró-Brás" surgido em 1983. Pretendendo reunir lideranças remanescentes do bairro (sindicais, partidárias, paroquiais, comunitárias, estudantis, etc.) bem como técnicos e intelectuais interessados no Brás, o "Movimento" chegou a reunir 150 pessoas, com vistas a obter uma reurbanização "participativa". A vitória da oposição em 82 fez o governo federal cortar os recursos para o "CURA - Brás". Enquanto o "Pró-Brás" pressionava no sentido de apressar a reurbanização, a EMURB retardava alegando falta de verbas e impecilhos jurídicos. Cedo aproximaram-se as eleições para Prefeito em 85. As áreas vazias do Brás e a insegurança do bairro, serviram de argumento contra o governo democrático acusado de "inoperante".

Tornou-se impossível manter o pluralismo inicial. O político "cindiou o urbano", o "Movimento" foi encolhendo. Com a vitória dos conservadores através de Janio Quadros foram soterradas as esperanças de participação. Repetindo as operações do Metrô, a partir de 87 a população viu atônita os terrenos serem cercados e invadidos por nova leva de centenas ou milhares de trabalhadores da construção civil. De novo no Brás, porta de entrada da força de trabalho que constrói, destrói e reconstrói São Paulo. Desativada a "Hospedaria", ali perto no entanto funciona o "CETREM" - Centro de Triagem e albergue da Secretaria Estadual do Bem Estar Social - e no Pque. D. Pedro II funcionou de 1968 a 87 o escritório central de recrutamento da mão-de-obra para o Metrô, como também no Largo da Concórdia, mais precisamente na Pça. Agente Cícero em frente à Estação do Norte<sup>29</sup> contratam-se "vigilantes" e outros profissionais não qualificados há muitos anos.

Do mesmo modo, no comércio, o Brás receberia as mais variadas influências. Inicialmente muito ligado à indústria, o comércio de couros por exemplo na Gazômetro, desenvolveu-se em função das pequenas fábricas de sapatos tocadas especialmente por italianos e espanhóis. Na área das ruas Maria Marcolina e Oriente desenvolveu-se o comércio de roupas ligado às pequenas

indústrias de confecções que por sua vez se multiplicaram graças às têxteis. Aqui concentrou-se a "colônia oriental" do Brás com muitos árabes, alguns judeus, armênios e mais recentemente coreanos<sup>30</sup>. Junto à r. Piratininga constituiu-se o comércio de peças usadas e máquinas, ligado às pequenas oficinas metalúrgicas surgidas para apoiar as nascentes indústrias bem como as ferrovias. Tudo isto ajudou o comércio de "sucata" dominado sobretudo por espanhóis e descendentes. Em todos estes setores houve conexões com imigrantes nacionais. A construção do Mercado Municipal em 1934 ensejaria a formação da "Zona Cerealista" junto à r. Santa Rosa. A cola dos sapateiros seria um elo de ligação dos couros com a madeira e desta com as ferragens. Comerciantes de origem sulista e nordestina passaram a conviver com a "praça do Brás", especializada em produtos das mais variadas regiões do país e fortemente atacadista.

Todos procuram o Brás e parece haver uma razão simples no fundo, para explicar isso. É que no Brás, todos são "imigrantes" o que dificulta discriminações. A vizinhança é tolerante. Todos no limite são "bem-vindos" ainda que estejam só de passagem. Fiel à sua essência histórica o Brás tem preferido descaracterizar-se constantemente a excluir os que chegam de fora. Porisso mesmo é bastante preocupante o sentido que terá a chegada de 10 mil novos moradores, proprietários, e de renda média bastante superior aos atuais moradores, nos novos conjuntos habitacionais<sup>31</sup>. Eles manterão a tradição de tolerância? Aceitarão a vizinhança incômoda do comércio e da indústria como o fazem seus vizinhos mais

(29) A "Estação Roosevelt" apelidada "Estação do Norte" é o ponto final da Central do Brasil que liga com o Rio de Janeiro. Durante muito tempo a região intermediária - o Vale do rio Paraíba do Sul - era conhecida como "O Norte do Estado de S. Paulo". Mais tarde os nordestinos confirmaram o apelido, mas mudaram seu significado.

(30) Os coreanos do sul representam a última leva de imigrantes que tem chegado a S. Paulo. Já de posse de algum capital inicial eles vem se estabelecendo principalmente através da produção e do comércio de roupas e tecidos, passando a dominar organizadamente várias praças de comércio. No Brás por exemplo o Largo Silva Telles mudou de nome para República da Coreia.

(31) A grande incógnita do presente reside precisamente no impacto que estes 10 mil novos moradores representarão para o futuro do bairro. A respeito consulte-se por exemplo a reportagem de Rosali Figueiredo no "Shopping News" S. Paulo de 26 de junho de 1988.

pobres dos cortiços e pensões? Como se relacionarão com estes últimos?

Seja como for também eles agora estão no Brás. Brás do Brasil, Brás de todo o mundo...

### BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, F; CAPRI, Lúcia e RIBEIRO, Marcus Vinício. História da Sociedade Brasileira 2ª ed. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico S/A, 1981.
- BONDUKI, Nabil Georges. Habitação Popular: Contribuição para o Estudo da Evolução Urbana de São Paulo. In: Valladares, Lúcia do Prado (org.). Repensando a Habitação no Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores S.A., 1983, p. 135-168.
- FRÚGOLI JR., Heitor. Largo da Condição: Uso e representação social do espaço. Trabalho não editado. 1984.
- KOWARICK, Lúcio e Ant, Clara. Cortiço: cem anos de promiscuidade. In: Schwarz, Roberto (coord.). Os pobres na Literatura Brasileira. Novos estudos CEBRAP vol.II. São Paulo. Abril de 1982. p. 59-64.
- OLIVEN, Ruben G. A antropologia de grupos urbanos. Ed. Vozes, 1985.
- Projeto CURA. Área Brás-Bresser. São Paulo. COGEP (Coordenadoria Geral do Planejamento). 1975.
- SOUZA, Paulo Renato. Salário e Mão-de-Obra excedente. In: Vários Autores. Valor, força de trabalho e acumulação monopolista. Estudos CEBRAP, nº 25.
- TORRES, Maria C.T.M.. O bairro do Brás. 1ª ed. São Paulo, Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação e Cultura, 1969. (História dos Bairros de São Paulo).